**O TEMPO DOS METAIS E A VIDA NOS CASTROS**

**Matriz de memória ou aproximações à identidade local**

Miguel Monteiro (1996),

Migrantes, Emigrantes e Brasileiros,

Territórios, itinerários e trajectórias,

Braga, Universidade do Minho

[Os Castros](http://www.museu-emigrantes.org/Castros.htm)  identificados no concelho: Subidade, freguesia de São Gens; Retortinha, Cepães; Vilarelho, Serafão; Monte Santinho, Quinchães; Santo Antonino, Santa Cristina de Arões; Listoso, São Vicente de Passos; Crasto (Outeiro Mau), Revelhe; Outeiro da Portela, Ribeiros; Povoação, São Gens e, por último no Outeiro do Crasto (Santo Ovídio), Fafe. Estes conjuntos arquitectónicas, onde a existência de conceitos de planeamento e organização social, informam-nos de um outro momento civilizacional local, bem como o processo de transformação posterior a que estiveram sujeitos.

Conforme o onde foi posto a descoberto no Castro de Santo Ovídio, sabemos que povoado do Século I a. C. apresenta e demonstra contactos com os Romanos invasores, bem como as características espaciais de localização. «Este povoado caracteriza-se por uma razoável implantação geo-estratégica, localizados que são normalmente em outeiros bem destacados dos vales. Deveremos de resto realçar a proximidade do povoado em relação à larga bacia do Vizela, explorando mais intensamente na última fase da vida do povoado».[[6]](http://www.museu-emigrantes.org/representacoes_para_um_passado2.htm" \l "_ftn6" \o ")

A sua localização indica-nos o lugar de instalação dos primeiros habitats construídos com carácter de permanência de Fafe, onde os solos possuem excelente aptidão agrícola, favorável à agricultura de regadio que o Vizela oferecia, condicionada apenas pela utilização de instrumentos de ferro para aquela actividade, que os seus habitantes já possuíam.

Este local, e segundo Martins (1991), possibilitava a exploração intensiva dos bons solos disponíveis numa área de cerca de dois Quilómetros, o que terá permitido e suportado um aumento da sua população, tendo em conta a ampliação da área construída do castro.

Dos seus habitantes restaram um conjunto de vestígios materiais que se encontram no Museu Municipal e uma estátua de Guerreiro Luso-Galaico, aí encontrada em 1870, quando se faziam os alicerces da Capela de Santo Ovídio, e adquirida em 1876 pela Sociedade Martins Sarmento, onde ainda hoje se encontra.

Esta estátua demonstra a existência de uma atitude e a organização guerreira destes povos. [[7]](http://www.museu-emigrantes.org/representacoes_para_um_passado2.htm" \l "_ftn7" \o ")

Na toponímia da freguesia de Fafe, para além dos achados romanos do castro estudado, os lugares rurais da Quintã, Agra, Agrela demonstram sinais de uma evidente romanização. A existência em quase todas as freguesia do concelho de topónimos como: Cimo de Vila, Fund' Vila, Vilar, Vilarelho, Vilela, Vilard'oufe, Vilarinho demonstram estar relacionados com a ocupação romana.

Henrique Regalo refere, na prospecção feita no concelho, em trabalho de levantamento arquiológico, a existência de Castelos, Fortificações e Atalaias, nomeadamente em Quinchães, Moreira, São Gens, que evenciam uma utilização dos inícios da Idade Média, em período de grande instabilidade administrativa e indefinição territorial.

[[1]](http://www.museu-emigrantes.org/representacoes_para_um_passado2.htm" \l "_ftnref1" \o ")    Martins, Manuela, O Povoado de Santo Ovídio, Braga, Universidade de Minho, 1991, p.10

[[2]](http://www.museu-emigrantes.org/representacoes_para_um_passado2.htm" \l "_ftnref2" \o ")    Leroi-Gourhan, André, As Religiões da pré-história, Lisboa, Edições 70, 1990, p.60

[[3]](http://www.museu-emigrantes.org/representacoes_para_um_passado2.htm" \l "_ftnref3" \o ")    Martins, Manuela, O Povoado de Santo Ovídio, Braga, Universidade do Minho, 1991, p. 10

[[4]](http://www.museu-emigrantes.org/representacoes_para_um_passado2.htm" \l "_ftnref4" \o ")    Childe, V. Gorgon, A Aurora da Civilização Europeia, Cap.  XII , Lisboa, Portugália Editora, 1969, pp.371.382

[[5]](http://www.museu-emigrantes.org/representacoes_para_um_passado2.htm" \l "_ftnref5" \o ")    Severo, Ricardo, As Braceletes d'Ouro de Arnozela, Portugália, Materiais para o estudo do povo português, separata do Tomo II , Fasc. I, Porto, Imprensa Portuguesa, 1905

[[6]](http://www.museu-emigrantes.org/representacoes_para_um_passado2.htm" \l "_ftnref6" \o ")    Martins, Manuela, O Povoado de Santo Ovídio, Braga, Universidade do Minho, 1991, p. 13

[[7]](http://www.museu-emigrantes.org/representacoes_para_um_passado2.htm" \l "_ftnref7" \o ")    «Tem de altura 1 m, 70 e de largura nos ombros 0 m, 68; e está bastante mutilada e sem cabeça. O guerreiro, representado com as pernas partidas, veste túnica, apertada por um cinturão de quatro dobras. Na parte superior de cada braço ostenta duas xorcas [pulseiras]. Com a mão esquerda segura um escudo redondo e côncavo, de 0m,50 de diâmetro, e com a mão direita um punhal embainhado» Vasconcelos, J.Leite de, Religiões da Lusitânia, Lisboa, Imprensa Nacional-C.M, Vol III, 1913, pp.53.54